

O conflito dos séculos

O restabelecimento das hostilidades no Oriente Médio, envolvendo judeus e palestinos, não chega contudo a ser uma novidade. Na realidade, as gerações vêm ao longo dos anos testemunhando esse triste “clima de guerra” que envolve homens, mulheres e crianças inocentes nesse palco de atrocidades e banho de sangue, num verdadeiro conflito que dura séculos.

Chama-nos a atenção, porém, que muitas vezes o pretexto religioso venha a sustentar atitudes tão bárbaras como as que tem sido noticiadas através dos meios de comunicação do mundo inteiro.

Cabe então uma análise sobre as origens étnicas e religiosas dos povos envolvidos nesse cenário.

Assim como através de Jesus, o cristianismo veio trazer sentido aos obscuros ensinamentos enunciados primeiramente por Moisés na religião judaica, o islamismo foi a religião levantada para confrontar o cristianismo autêntico, através do questionamento da Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo), tornando a trazer do judaísmo, preceitos meramente religiosos, através de uma lei rigorosa que inclui obrigações diárias e fazendo ressurgir o espírito de vingança e violência, a pretexto de uma “guerra santa” (Jihad).

Desde a época das Cruzadas, o verdadeiro cristianismo do “negue-se a si mesmo” ensinado por Jesus foi deturpado, havendo os líderes religiosos ocidentais instigado o fiéis a tomarem suas armas contra os orientais para evitarem o crescimento da religião islâmica. Por sua vez, os muçulmanos encontravam apoio para o revide através dos ensinamentos do Alcorão, que defendia uma “guerra santa” como forma de propagação e difusão dos ensinamentos de Maomé.

A origem étnica comum dos povos árabes e judeus está no fato que o patriarca de ambos é Abraão. Os árabes são descendentes de Abraão através de Ismael, o filho que lhe foi dado pela escrava Agar. Os judeus são os descendentes de Abraão através de Isaque, que lhe foi dado através da esposa legítima, Sara.

Em Gn.16 vemos relatada a união de Abraão com a escrava Agar e em Gn.21:9 a 21 temos o despedimento da escrava com o seu filho da casa de Abraão.

A hostilidade entre os árabes e judeus persiste desde aquela época, quando Agar passou a desprezar Sara por se julgar favorecida, sendo mãe do que viria a ser o primogênito de Abraão (Gn.16:4). Por sua vez, Sara exigiu a expulsão da escrava com seu filho, quando sentiu que sua soberania estava ameaçada (Gn.21:10).

Ismael é reconhecido como o pai dos árabes e o islamismo é a religião fundada pelo profeta Maomé no sétimo século da nossa era.

O conflito atual entre árabes e judeus é, portanto, um reflexo daquele conflito familiar do passado. Em Gl.4:29 faz-se referência a esse clima de perseguição que perdura até hoje.

A origem étnica comum explica as similaridades entre alguns costumes presentes tanto no islamismo como no judaísmo, como a prática da circuncisão, a abstenção da carne de porco e a discriminação tanto da mulher como de povos estranhos.

A concepção monoteísta está profundamente solidificada no judaísmo, através da pessoa de Jeová assim como no islamismo através da pessoa de Alá, porém no islamismo é anunciada uma recompensa mais “sensual” para aqueles que haverão de herdar o paraíso, com promessas de faustos banquetes e “vírgens com olhos ao feitio de gazelas”, para satisfazerem os desejos sexuais daqueles que mais se destacarem na luta pelo estabelecimento do Islam.

Quão diferentes são os ensinamentos de Jesus, que trouxe apenas promessas espirituais e um lar celestial desprovido de bênçãos materiais e interesses terrenos! (Jo.14:2)

Embora inicialmente alguns discípulos seus não compreendessem o verdadeiro objetivo de sua missão, pleiteando cargos e lugares de destaque no futuro reino (Mt.20:20 e 21), Jesus deixou claro para eles que o seu Evangelho significava antes de tudo renúncia e mortificação (Mc.8:34).

Aquela filosofia do “olho-por-olho, dente-por-dente” que eles ouviram no passado, deveria ser substituída pelo “oferecer a outra face para ser esbofetada” (Mt.5:38 e 39) ou “amar os inimigos e orar pelos perseguidores” (Mt.5:44), o que eles jamais tinham ouvido.

Em I Jo.4:8 lemos que “quem não ama não conhece a Deus porque Deus é amor” e I Jo.2:11 diz que “aquele que odeia seu irmão está em trevas e anda nas trevas, não sabendo para onde vai porque as trevas lhe cegaram os olhos”.

Se judeus e árabes dessem mais crédito ao que Jesus ensinou, ao invés de ficarem ouvindo Moisés pela Torá ou Maomé pelo Alcorão, com certeza não estariam se degladiando fanaticamente até hoje, pois a essência do Evangelho de Jesus é o amor.

Oswaldo Carvalho